



AMAZONAS

Submarino

Incorporação: 19 de dezembro de 1973.

Baixa: 21 de agosto de 1997.



(Acervo: Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha)

Submarino da classe *Balao*, ex *USS Greenfish (SS 351)*, construído na Electric Boat Company, Groton, Connecticut, Estados Unidos. Teve sua quilha batida no dia 29 de junho de 1944 e foi lançado ao mar em 21 de dezembro de 1945.

No ano de 1961 foi convertido para classe *Guppy III* (Great Underwater Propulsion Power). Essa conversão aconteceu nos estaleiros do Arsenal de Marinha de Pearl Harbor, Estados Unidos. O submarino manteve-se atualizado quanto ao cumprimento dos seus objetivos máximos, com tecnologia e arma ofensiva avançada. Das operações desenvolvidas



durante o tempo que permaneceu na Marinha estadunidense, destaca-se a participação na Guerra da Coreia no início da década de 1950.

Adquirido pela Marinha do Brasil, juntamente com outros seis, *Guanabara*, *Rio Grande do Sul*, *Bahia*, *Rio de Janeiro*, *Ceará* e *Goiás*. O Submarino *Amazonas* foi incorporado à Armada pelo Aviso Ministerial nº 1.091, de 23 de novembro de 1973, tendo sua Mostra de Armamento em 19 de dezembro de 1973 e recebendo o indicativo visual S16.

Oitavo navio a ostentar o nome *Amazonas* na Marinha do Brasil, homenageia o Estado da Federação do mesmo nome. O primeiro foi uma fragata de propulsão a vela que figurou no material flutuante em 1824, e posteriormente teve seu nome alterado para *Constituição*. O segundo foi uma corveta de propulsão a vela de 1829, que realizou diversas comissões durante a Revolta dos Cabanos no Pará. O terceiro foi um pequeno veleiro aparelhado à Escuna de 1837. O quarto foi um vapor de guerra construído na Inglaterra em 1852 que foi empregado na Guerra do Paraguai, destacadamente na Batalha do Riachuelo, sob o comando do Almirante Manoel Barroso da Silva. O quinto foi um cruzador protegido construído na Inglaterra em 1894, idêntico ao Cruzador *Barroso* e vendido aos Estados Unidos em 1898. O sexto foi um contratorpedeiro do tipo *Pará*, construído na Inglaterra em 1909, empregado em patrulhamento da Baía de Guanabara (RJ) durante a Primeira Guerra Mundial. O sétimo foi um contratorpedeiro da Classe A construído no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro em 1949.

Uma nova e importante etapa na história da Força de Submarinos veio a se concretizar com a aquisição, junto ao Governo estadunidense dos sete submarinos da classe *Guppy*, denominada genericamente na Marinha do Brasil como classe *Guanabara* (o primeiro da série). A aquisição desses navios foi efetuada mediante compra, diferentemente do que ocorrera com seus predecessores, os *Fleet Type*, que foram cedidos ao Governo brasileiro sob a condição de serem devolvidos após baixa do serviço ativo.

A grande novidade para os submarinistas, a par da evolução dos equipamentos de detecção, do aumento da capacidade das baterias e da dotação de armamento foi, sem dúvida, o advento do Esnorquel, sistema que permite a condução de carga de baterias, carga de ar e



renovação de ar ambiente em imersão na cota periscópica, proporcionando substancial aumento na discríção, durante trânsitos para as áreas de operações.

O navio foi construído em aço, dividido em oito compartimentos estanques, a saber: torpedos à vante; baterias à vante; baterias à ré; máquinas à vante; máquinas à ré, motores e torpedos à ré, além da torreta, de onde eram operados os periscópios e feito o controle do navio. Era equipado com Esnorquel, o qual se compunha basicamente de um sistema de admissão de ar (válvula mestra, mastro de admissão, separador de água e válvula principal de admissão) e de um sistema de descarga de gases (condutos de gases de descarga, válvulas de descarga externa e mastro de descarga), além de dispositivos de segurança.

O navio possuía as seguintes características: 2.047 t de deslocamento na superfície; 2621 t em imersão; 98,17 m de comprimento total; 8,34 m de boca; 5,64 m de calado; 16 nós de velocidade máxima na superfície; 12,5 nós de velocidade de cruzeiro e tinha um raio de ação de 16.590 milhas a 10 nós.

O arranjo de propulsão era do tipo diesel elétrico composto por: quatro motores diesel General Motors 16-27 8A, 6.400 HP de potência total (MCPs); dois motores elétricos (MEPs), 5.4005 HP de potência total, que acionavam dois hélices.

O armamento consistia de dez tubos de torpedos de 533 mm, seis à vante e quatro à ré. Os torpedos eram Honeywell MK 37, mod. 1 e 2, 150 kg, guiados a fio, tipo ativo passivo, com alcance máximo de 8 km e 24 nós de velocidade máxima. O submarino *Amazonas* tinha dotação máxima de 24 torpedos.

Para o serviço de navegação e escuta submarina, dispunha de radar AN/SPS2A, sonar EDO BQR2 e sonar Raytheon BQG4 para esclarecimento e ataque.

O Submarino *Amazonas* foi o primeiro da classe a ser equipado com baterias do tipo 23 UR 8G de grande capacidade com fabricação nacional, produzidas pela Saturnia de São Paulo com tecnologia da VARTA, alemã. A instalação desse equipamento esteve a cargo do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro em 1983.

A tripulação do Submarino *Amazonas* era composta por oito oficiais e 75 praças.



Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha



Durante os 19 anos em que serviu à Marinha do Brasil, o Submarino *Amazonas* participou de diversas operações de adestramento:

1975 – Unitas;

1976 – Dragão XII;

1977 – Unitas VIII;

1984 – Tropicalex XII;

1984 – Unitas XXV;

1984 – Temperex II;

1986 – Fraternal VII.

O Submarino *Amazonas* recebeu o prêmio de Troféu Eficiência em 1984, pelo excelente desempenho demonstrado naquele ano.

Pela Portaria Ministerial nº 0.382, de 1º de agosto de 1992 foi determinada a sua baixa do serviço ativo, sendo colocado sob a custódia do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro (RJ) para alienação por venda.

Em cumprimento a Portaria Ministerial nº 0.159 de 3 de março de 1993, o Submarino *Amazonas* foi transformado em museu e esteve aberto à visitação pública no período de dezembro de 1992 a junho de 1994, permanecendo atracado nas docas do Comando do Primeiro Distrito Naval no Rio de Janeiro (RJ).

Em ofício dirigido, no dia 5 de maio de 1995 ao Ministro da Marinha, o então Comandante de Operações Navais Almirante de Esquadra Domingos Alfredo Silva, sugeriu a passagem de subordinação do ex-Submarino *Amazonas*, bem como do Navio-Museu *Bauru*, para o Serviço de Documentação da Marinha, em virtude das características peculiares dos respectivos navios, não pertinentes ao setor operativo da Armada.

No dia 2 de julho de 1996, pela Portaria Ministerial nº 0.243, o ex-Submarino *Amazonas* passou a denominar-se Submarino-Museu *Amazonas*, na situação de navio isolado, organização militar (OM) com semiautonomia administrativa com sede no Rio de Janeiro e diretamente subordinado ao Serviço de Documentação da Marinha (SDM).



Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha



No dia 21 de agosto de 1997, pela Portaria Ministerial nº 243, foi extinta a organização militar Submarino-Museu *Amazonas*, sendo determinada a venda do casco como sucata.

Pela Portaria Ministerial nº 330, de 6 de novembro de 1997 o ex-Submarino *Riachuelo* (S22), classe Oberon, foi desincorporado do Serviço Ativo da Armada, e reclassificado com navio-museu, substituindo o Submarino-Museu *Amazonas*.

Foram seus Comandantes:

Capitão de Fragata Fernando Luiz Pinto da L. Furtado de Mendonça	22/11/1973 a 04/12/1975
Capitão de Fragata Maurício Halpern	04/12/1975 a 07/06/1977
Capitão de Fragata Sérgio Tasso de Aquino	07/06/1977 a 22/11/1978
Capitão de Corveta Ivanir Carvalho	22/11/1978 a 16/12/1980
Capitão de Fragata Roberto Antônio de Carvalho	16/12/1980 a 08/11/1982
Capitão de Fragata Ronaldo Schara	08/11/1982 a 14/12/1984
Capitão de Fragata Kleber Luciano de Assis	14/12/1984 a 01/07/1987
Capitão de Fragata Paulo Roberto Biassio Miro	01/07/1987 a 08/08/1989
Capitão de Fragata Luiz Sérgio Pinto de Carvalho	08/08/1989 a 28/05/1991
Capitão de Fragata Athos Luiz Monteiro da Silveira	28/05/1991 a 01/08/1992
Encarregado do Submarino-Museu <i>Amazonas</i>	
Capitão-Tenente (AA) Arcionei Gonçalves	30/08/1996 a 21/08/1997